

## A FUNÇÃO SOCIAL DO EVANGELHO DE MARCOS: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA.

*Carolina Bezerra de Souza*<sup>1</sup>

<http://lattes.cnpq.br/4028771794506651>

**Resumo:** Este trabalho faz uma breve análise das funções sociais do Evangelho de Marcos para a comunidade receptora a partir de uma perspectiva fenomenológica. Tenta esclarecer como esse texto serviu àquela sociedade e como a refletiu a partir de alguns aportes teóricos de Peter Berger, Victória Lee Erickson, Pierre Bourdieu e Zygmunt Bauman. O Evangelho será analisado sob quatro aspectos componentes da função social da religião: fornecedora de nomia, legitimadora e/ou questionadora nas relações de gênero e dos status sócio-político-econômico nas relações sociais e, finalmente, como mantenedora de um ideário de comunidade.

**Palavras-chave:** Evangelho de Marcos; nomia; legitimação; relação de gênero; status sócio-político-econômico; comunidade.

**Abstract:** This article analyse briefly the social functions of Mark's Gospel for the receiving community from a phenomenological perspective. It tries to clarify how this text served that community and how it reflected the community starting from some theoretical support from. Peter Berger, Victória Lee Erickson, Pierre Bourdieu and Zygmunt Bauman. The gospel will be analysed on four social function component aspects: nomyprovinder, gender relations and social-political-economic status legitimizer/questioner and, finally, as community ideario maintainer.

**Key-words:** Mark's Gospel, nomy, legitimation, gender relations, social-political-economic status, community.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Bolsista da FAPEG (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás). Engenheira Eletricista pela Universidade de Brasília e Bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista do Sul do Brasil.

## **O Evangelho de Marcos como fornecedor de sentido, fator de coesão e de nomia social.**

Segundo Peter Berger,

sempre que o nomos [ou seja, ordem significativa] socialmente estabelecido atinge a qualidade de ser aceito como expressão da evidência, ocorre uma fusão do seu sentido com os que são considerados os sentidos fundamentais inerentes ao universo. Nomos e cosmos aparecem como coextensivos.[...] Quando o nomos aparece como expressão óbvia da “natureza das coisas”, entendido cosmologicamente ou antropológicamente, dá-se-lhe uma estabilidade que deriva de fontes mais poderosas do que os esforços históricos dos seres humanos. [...] [A] religião é cosmificação feita de maneira sagrada (BERGER, 1985, p. 37,38).

A sociedade trabalha tentando dar sentido ao mundo através de significados exteriorizados e objetivados, mas essa tarefa nunca é completada, então o mundo nunca parece ter significado. É a cosmificação que, ao incluir o homem em sua ordenação de realidade, o protege da anomia, pois traz significação para o mundo incompreensível.

A religião é parte desse “empreendimento humano da construção do mundo” (BERGER, 1985, p. 40). Ela “foi historicamente o instrumento mais amplo e efetivo de legitimação<sup>2</sup>” (BERGER, 1985, p. 45). Assim, a religião é uma estratégia fundamental para manter a realidade socialmente definida, situando as estruturas nômicas, instituições e papéis numa referência sagrada e cósmica e relacionando a desordem ao caos (como antagonista do sagrado) (BERGER, 1985, p. 42-52).

A necessidade da legitimação vem dos interesses de cada dia, não são feitas a partir de produções teóricas, mas das necessidades diárias vividas pela maioria dos homens. A religião incorpora em um nomos compreensivo as situações marginais que são encaradas continuamente pelos homens e que colocam em dúvida a realidade cotidiana, essas situações podem ser individuais ou uma experiência coletiva de crise (BERGER, 1985, p. 54-57).

---

<sup>2</sup> Legitimação, no conceito de Berger, é “o saber socialmente objetivado que serve para explicar e justificar a ordem social” (BERGER, 1985, p. 42).

Para Berger, todas as tradições religiosas exigem comunidades específicas para a manutenção da sua plausibilidade<sup>3</sup>. Dessa forma, “a atividade humana que produz a sociedade também produz a religião, sendo que a relação entre os dois produtos é sempre dialética” (BERGER, 1985, p. 61).

Um mundo religioso se baseia em uma estrutura de plausibilidade, que é produto humano, logo, esse mundo é precário em sua realidade. Migrar de um mundo religioso para outro é migrar entre estruturas de plausibilidade. Portanto, se o nomos de um indivíduo é coextensivo a determinado mundo religioso, a separação entre os dois pode implicar em anomia. (BERGER, 1985, p. 63,64). Ao mesmo tempo, toda sociedade exige certa renúncia da individualidade e é uma função nominadora da religião facilitar essa renúncia.

Outro conceito importante é o de teodicéia, uma explicação dos fenômenos anômicos em termos de legitimações religiosas (BERGER, 1985, p. 64). Uma vez que esses eventos podem ser vividos individualmente ou comunitariamente, a teodicéia oferece um “lugar” a esses eventos, desfazendo a ameaça que eles trazem à coletividade (BERGER, 1985, p. 64).

Convém agora pensar no texto do Evangelho de Marcos com respeito aos conceitos colocados acima. É bom salientar que os Evangelhos não devem ser lidos como narrativas de acontecimentos históricos. Eles são textos religiosos, representam a realidade social e religiosa de algumas comunidades cristãs originárias.

Como texto, o Evangelho de Marcos, muito provavelmente, surge na Síria, em um momento de grande confusão em que era necessária à religião cristã uma nova referência, já que o Templo de Jerusalém havia sido destruído<sup>4</sup>.

Dentro desse quadro, o Evangelho de Marcos pode ser classificado como um mito de origens<sup>5</sup>. O que ele faz é estabelecer uma identidade fundada em comum com a religião judaica, acrescentando correções, releituras e perspectivas futuras, em termos de ética e práticas culturais. Faz tudo isso a partir de Jesus, apresentado como uma figura carismática que trazia consenso entre as diversas tradições cristãs que agora compunham a comunidade. Jesus, em Marcos, é profeta, pregador, mestre, messias, curandeiro, exorcista, servo.

<sup>3</sup> A estrutura de plausibilidade de um mundo é a base social para a continuidade da sua existência como real para os homens (BERGER, 1985, p. 58).

<sup>4</sup> Gerd Theissen (2007, p.74, 75) define a origem do Evangelho de Marcos na Síria pouco após a destruição do Templo de Jerusalém em 70 d.C. Essa posição não é consenso entre os estudiosos de Mc, veja que Ivoni Richter Reimer (2012, p. 40-44) e Richard Horsley (2001, p. 129-131) colocam a composição durante a Guerra, porém antes da destruição de Jerusalém.

<sup>5</sup> Os mitos de origem abordam a instauração ou criação de uma civilização, cultura ou de instituições ou ainda de acontecimentos significativos (CROATTO, 2001, p. 252-262) O Evangelho de Marcos é uma história que narra a origem da comunidade cristã e os acontecimentos significativos da vida de seu fundador, Jesus, o agente capacitado pelo Espírito com autoridade divina para estabelecer o Reino de Deus.

Também se deve observar que, ao definir valores, normas sociais e religiosas, o Evangelho de Marcos não só responde à cultura dominante, mas “participa da reinscrição dessas formações culturais e seus produtos” (SMITH, 2008, p. 198). O texto é então uma intervenção na dinâmica de formação dos cristianismos. Nessa perspectiva, é necessário perceber que há a tirania que o autor de Marcos parece rejeitar, mas também há a tirania que inscreve em sua retórica.

O grupo enfrentava um vácuo de autoridade, pois os primeiros dirigentes do cristianismo já haviam morrido, Paulo, Pedro e Tiago foram martirizados entre 60 e 64 d.C. Assim, a autoridade é totalmente transferida para a figura de Jesus. O texto dá ênfase aos atos de Jesus, apresentando poucos discursos. Jesus cura, ensina, reintegra e, sendo ao mesmo tempo firme e pacífico, acaba por morrer por causa das suas atitudes. A vida e a morte de Jesus são a base para a identidade e as relações da comunidade.

Em tempos da Guerra Judaico-Romana, há muita dureza, mudança, sentimentos de inevitabilidade e riscos de vida para comunidade, assim como para Jesus no Evangelho de Marcos. A localização social dessa comunidade era complexa e provavelmente cheia de perigos para quem se assumisse membro, por causa das tensões relativas à guerra. O texto convida, de diversas formas, à autonegação, à entrega da vida como forma de sobrevivência. Uma das maneiras é através de uma ética do serviço e do martírio. Outro reflexo disso pode se apresentar na temática do segredo messiânico. Possivelmente, ele se configura tanto uma reserva monoteísta, impedindo a heresia da auto-proclamação de Jesus como divino, como um segredo de proteção, Jesus e os primeiros cristãos devem conservar conscientemente a sua identidade durante algum tempo, mas estar dispostos a abandonar essa proteção completamente, com risco de martírio, para defender publicamente essa mesma identidade (THEISSEN, 2007, p. 77,78) Sendo assim, o Evangelho orienta a comunidade em tempos de perseguição a partir da identificação com a mesma situação vivida por Jesus. Se o fundador foi alguém que trabalhou o propósito divino meio a lutas, na forma de uma oposição pacífica, e foi aparentemente derrotado, então é plausível que a comunidade inteira passe pela mesma situação.

Ao mesmo tempo, Marcos não termina com a morte de Jesus, mas sim com a ressurreição. Isso gera na comunidade expectativas relativas ao um final ainda por vir num retorno de Jesus como agente da redenção de Deus e dá motivação e esperança para continuar na comunidade, como projeto de Deus, apesar das dificuldades, pois elas já eram previstas. Essa perspectiva escatológica faz a salvação ser entendida como presente, no sentido do conhecimento do Reino, pertencimento à comunidade e respeito aos seus valores, e futura, sob o cumprimento glorioso das promessas.

Dentre os papéis exercidos pelo Evangelho de Marcos, encontra-se a definição de três novos ritos: batismo (Mc 1,9), unção (Mc 14,3-9) e ceia (Mc 14,17-26). Dessa forma, empreende uma substituição para suprir a necessidade criada por um evento anômico: a ausência do Templo como centro do sistema ritual judaico. O texto corrobora com uma nova estrutura de plausibilidade onde o Templo não era mais necessário ritualmente, os novos ritos agora dependiam da presença comunitária e não tanto do local e de ofertas de sacrifício.

No decorrer da história, o Evangelho vai tocando em diversos assuntos que são relacionados às situações marginais vividas por seus receptores. Trata das possessões, doenças, morte, pobreza, fome, violência, conflitos internos à comunidade. Mas coloca-as dentro de uma esfera diferente: através de Jesus, Deus estava interferindo na história, há esperança de mudança.

Pelo analisado, percebe-se que o Evangelho de Marcos é uma expressão religiosa que capaz de fornecer sentido e coesão social ao grupo de receptores que enfrentava uma situação complexa de guerra e perseguição. O grupo que teve seus valores religiosos alterados repentinamente teve a partir dali novos referenciais culturais e de autoridade.

### **O Evangelho de Marcos como legitimador e/ou questionador nas relações de gênero.**

Para Victória Lee Erickson, a religião, como maneira de conhecer a realidade, identifica, classifica e estabelece identidade, fazendo uso da sacralização dessa identidade e da dessacralização da identidade anterior. Através da separação entre sagrado e profano, as crenças e ritos religiosos afetam atos e ideias humanas (ERICKSON, 1996, p. 27- 29). A partir da teoria de Durkheim, Erickson quer analisar a ordem estabelecida pela religião para compreender a divisão de trabalho. Assim ela acredita, como Durkheim, que o caráter sagrado de um objeto não é natural, mas acrescentado pela sociedade através da religião. A função da religião seria então a geração de poder pela divisão entre o sagrado e profano. Logo, nessa separação, coube aos homens o aspecto sagrado, portanto as mulheres (também crianças e jovens) são seres profanos. Já o poder resulta de um mundo patriarcal de dominação e subordinação. Produto da dominação, a força religiosa gera força coletiva que legitima a dominação estabelecendo poder e vida social sexualizados e controlando a atividade e respostas sociais através do pensamento abstrato (ERICKSON, 1996, p. 45-51).

A violência seria um resultado natural do contato entre o sagrado e o profano, se a religião cria a vida social e suas instituições e a vida social cria a religião, há potencial violento em todos os lugares. Em especial, há uma ligação entre sexo, força e violência, “as diferenças entre

masculinidade e feminilidade são mantidas pelas forças sociais que promovem e sustentam atos de violência” (ERICKSON, 1996, p. 56). As mulheres não são consideradas nem sagradas nem sociais, essa noção é apoiada pela religião através da divisão de trabalho e é assegurada pela violência (ERICKSON, 1996, p. 57). Essa divisão de trabalho, juntamente com a religião, fragmenta a rede de relações humanas sacralizando certos indivíduos (ERICKSON, 1996, p. 62).

Basicamente, o que Erickson descreve, ampliando a noção da função da religião de Durkheim, é o padrão da religião e sociedade judaica, assim como a romana, características patriarcais e androcêntricas que exerciam dominação sobre a mulher relegando-as à condição de profanas. O patriarcado era um sistema vigente no mediterrâneo, mas a versão romana era um sistema de dominação, ocupação e exploração dos recursos naturais e humanos de forma violenta e escravagista. É da família patriarcal romana que se origina a forma de estado romana, baseado na economia política, cuja mais-valia era baseada na agricultura (RICHTER REIMER, 2012, p. 73-95).

Esse padrão é, numa leitura do evangelho de Marcos, aparentemente mantido em alguns aspectos e revertido em outros. A comunidade marcana além de etnicamente mista, apresentava forte presença de mulheres (RICHTER REIMER, 2012, p. 44, 50-52). Ao acessar o texto, pode-se perceber que o mito de origens do Evangelho de Marcos também define o papel dos grupos de mulheres e como deve ser a relação com elas. São várias passagens em que mulheres aparecem como sujeito histórico-narrativo, nelas, Jesus altera o padrão patriarcal e androcêntrico das relações de gênero ao incluí-las no serviço mútuo, nas curas e no meio dos discípulos.

A maior parte dos personagens femininos aparece sem recorrência. São personagens pouco complexos e apresentam poucas características, normalmente previsíveis. No texto de Marcos, sua função é contrapor-se ou ser exceção aos personagens tipificados (autoridades, discípulos, povo) usados pelo(s) editor(es) do Evangelho (RHOADS, DEWEY e MICHIE, 1999, p. 129-133).

As mulheres no Evangelho de Marcos aparecem de diversas maneiras. Em sua maioria, são tidas como exemplos positivos de discípulos, em termos de seguimento e serviço, em contraposição com os doze apóstolos (MALBON, 2000, p. 46). São elas que acompanham Jesus até a hora da cruz enquanto os discípulos e o restante da multidão fogem e se dispersam.

Mesmo que o autor tenha tentado suprimi-las, ao revelar sua presença entre os discípulos apenas no final do Evangelho (RICHTER REIMER, 2012, p. 202-205) e retratando-as, em maior parte, como anônimas, confinadas a espaços domésticos e subordinadas a pais, maridos filhos e genros, ainda assim, o padrão androcêntrico e patriarcal parece ser quebrado em pontos importantes.

Várias são representadas sem identificação com um chefe da casa masculino e assumindo posições de enfrentamento à situação que vivem e até funções que eram masculinas. Veja por exemplo que, em Mc 5,25-34, a hemorroísa que desafia as regras de pureza; em Mc 7,24-30, a mulher siro-fenícia que vence o debate com Jesus; em Mc 12,38-44, a viúva pobre é admirada por Jesus e em Mc 14,3-9, a mulher que unge Jesus e assume função sacerdotal.

Também se deve considerar que as passagens com as mulheres dão ocasião a simbologias, ensinamentos e denúncias específicos e valiosos do ponto de vista da comunidade marcana. Por exemplo, Richard Horsley (2001, p. 205-207) considera que a mulher hemorrágica e a filha do líder da sinagoga representam Israel sob as ações de Jesus. Pode-se citar ainda a abertura étnica e de gênero da passagem da mulher siro-fenícia (Mc 7,24-30), o ensino sobre a construção de relações familiares e comunitárias não-patriarcais (Mc 3,35), a denúncia da opressão causada pelo templo que também marginalizava mulheres (Mc 12,42-44).

Com o protagonismo destas mulheres, mostra-se que o poder de relação, de cura e de ensino de Jesus não se limita a um sexo e que seu ensinamento visa transformação do *status quo* em todas as dimensões da vida. Na dimensão das relações de gênero, o Evangelho de Marcos também mostra uma faceta revolucionária, alterando os padrões de dominação e violência que são herança do patriarcado do judaico e romano. O texto apresenta as mulheres como protagonistas ocultas. Junto com a multidão, são caracterizadas positivamente, mas assumem uma posição ativa em relação ao seguimento e serviço ao Reino. Enquanto a multidão tem um caráter passivo de ser objeto do ministério de Jesus, as mulheres são objeto e também sujeito ao lado de Jesus pelo seu serviço e seguimento.

### **O Evangelho de Marcos como legitimador e/ou questionador dos status sócio-político-econômico nas relações sociais.**

Pierre Bourdieu afirma que a religião é um sistema simbólico estruturado e estruturante que assume uma função ideológica, na absolutização do relativo e legitimação do arbitrário, ao reforçar a força material ou simbólica que pode ser mobilizada por um grupo ou classe. A religião, pela santificação, transforma os limites e barreiras econômicas e políticas em legais e também reproduz e inculca, como sistema de prática, a estrutura das relações socioeconômicas vigentes (BOURDIEU, 1998, p. 45,46). Sendo assim, sua representação da relação entre homens e

sobrenatural não pode ultrapassar os limites da lógica da troca de bens do grupo em questão (BOURDIEU, 1998, p. 47).

O interesse que um grupo tem em um tipo prática religiosa é função do reforço que o poder de legitimação do arbitrário da prática pode trazer à força material e simbólica passível de mobilização pelo grupo ao legitimar as propriedades materiais ou simbólicas associadas a uma posição da estrutura social. As pessoas contam com a religião para fornecer justificações de existir com suas propriedades inerentes, assim, “as todicéias são sempre sóciodicéias” (BOURDIEU, 1998, p. 48,49). Logo, as funções da religião em favor de determinado grupo são diferenciadas de acordo com a posição desse grupo na estrutura das relações de classe e na divisão do trabalho religioso (BOURDIEU, 1998, p. 50). Portanto, determinado grupo social é atingido por uma mensagem religiosa quando ela fornece um sistema de justificação das propriedades associadas a ele (BOURDIEU, 1998, p. 51). A ideologia e a prática religiosa cumprem uma função de conhecimento–desconhecimento, pois especialistas religiosos devem ocultar de si e dos outros os interesses políticos de suas lutas (BOURDIEU, 1998, p. 54).

A manutenção da ordem simbólica contribui para a manutenção da ordem política, mas uma subversão no simbólico só afeta o político se for acompanhada de uma subversão política (BOURDIEU, 1998, p. 69). Desse ponto de vista, uma instituição religiosa, como a igreja, contribui para a manutenção da ordem política por estar investida da função de manutenção da ordem simbólica pela sua posição no campo religioso. Isso não exige tensões entre poder político e religioso, que podem entrar em disputa (BOURDIEU, 1998, p. 72). Assim, uma revolução simbólica supõe uma revolução política, mas a revolução política não basta para produzir a revolução simbólica necessária para amparar-lhe com uma linguagem adequada necessária a sua plena realização, em geral essa revolução simbólica necessita da figura de um profeta (BOURDIEU, 1998, p. 77,78).

Já foi dito que o ambiente de composição do texto tinha as marcas da violência da guerra judaico-cristã. O texto é repleto de denúncias de violência, tanto em termos de vigilantismo<sup>6</sup>. A denúncia da violência é uma forma de desqualificar os inimigos do movimento de Jesus, sejam eles o Império Romano ou os líderes judeus. As autoridades, sejam judaicas ou romanas são caracterizadas de maneira negativa como egoístas, não-confiáveis, sem autoridade de Deus e violentas, pois a escalada da trama contra Jesus se dá desde início da história. O objetivo do grupo

<sup>6</sup> Adotando a definição de Bruce Malina (2004, p. 45,46), violência diz respeito a coerção socialmente desautorizada. Quando é com vistas a manter, defender ou restaurar o *status quo* é chamada de violência instituída ou vigilantismo.

das autoridades é a manutenção da reprodução de poder, controle e opressão sobre o povo. Isso ajuda a formar a imagem negativa.

A controvérsia de Jesus com os ideais religiosos de pureza e do sábado também são uma forma de desvalorizar autoridades religiosas judaicas frente à comunidade. Jesus resgata as pessoas que eram oprimidas por esse sistema, uma vez que a comunidade era mista e que diversas atividades não se encaixavam nas normas de pureza. Com esse tipo de atitude ele iguala essas pessoas dentro da comunidade, estabelecendo uma ordem social diferente.

Essa é uma maneira o Evangelho de Marcos se apresenta como contestador do contexto sociopolítico do Império Romano, ao apresentar determinados grupos como inimigos de Jesus, o texto retira a legitimação da ordem sociopolítica vigente, apresentando-se como ferramenta de uma revolução simbólica para os seus destinatários.

Aparentemente, essa estratégia é usada não só para os adversários de Jesus, mas também com relação a determinados líderes dos movimentos cristãos originários através de controvérsias com os grupos de personagens tipos utilizados na história. Por exemplo, os discípulos de Jesus ao mesmo tempo em que são retratados como aliados, são pessoas que não entendem a mensagem do Reino de Deus e abandonam Jesus no momento do seu martírio. A família de Jesus também é alvo de uma controvérsia, ela acusa Jesus de estar insano e nessa ocasião a verdadeira família é redefinida como a comunidade. Esses dois grupos representam líderes de grupos cristãos originários<sup>7</sup>. Há a partir dessa controvérsia uma diminuição do poder político e religiosos relacionado com esses líderes cristãos.

Além disso, o Evangelho de Marcos estende a noção de seguimento de Jesus para incluir as comunidades fixas, alterando a noção prévia de que o seguimento implicava em uma vida itinerante, questionando, assim, forma a autoridade dos grupos traditivos itinerantes<sup>8</sup> (THEISSEN, 2007, p. 78) e reforçando autoridades locais como legítimas, já que Jesus também as ensinou. O seguimento, agora, se coloca também no participar das refeições, que é presente em toda a comunidade. A ideia da comunidade unida em torno da mesa da ceia trazia um conceito de igualdade contra distinções de posição ou de status, de que a sociedade interna a essa comunidade era igualitária e diferente da sociedade estabelecida pelo Império Romano e pelo Judaísmo sob seu domínio.

---

<sup>7</sup> São cinco os grupos em que a memória de Jesus foi mantida em termos de uma reforma judaica: os itinerantes na Galileia, os Pilares em Jerusalém, a Família de Jesus, a Congregação de Israel e os da Reforma da Sinagoga. O culto de Cristo é um movimento helenizado que se desenvolveu no norte da Síria a partir do movimento de Jesus, é a um grupo assim que pertenceu Paulo (MACK, 2008, p. 83 a 96).

<sup>8</sup> Veja o caso de Levi, Mc 2,13-17.

Há uma clara predileção do texto pelas vilas e lugares abertos em contraste às cidades. É resposta ao ambiente cultural helenístico que buscava a urbanização através da criação de cidades em estilo grego. Percebe-se que os valores relacionados à cultura campesina são muito importantes, pois são plenamente aceitos por Jesus que não é retratado dentro de grandes cidades, só Jerusalém para onde vai já sabendo do seu destino. É uma forma de o texto retratar e sacralizar a não concordância da comunidade com a estrutura de dominação baseada na exploração do campesinato pelas grandes cidades.

Há passagens específicas que demonstram o questionamento com relação às estruturas sociais e políticas de dominação. O trecho do exorcismo em Mc 5,1-20 ridiculariza a dominação romana, associando as legiões aos demônios e porcos que morrem se atirando ao mar. A passagem da viúva pobre em Mc 12,38ss pode ser interpretada como uma denúncia da exploração econômica do Império e do Templo, uma vez que as viúvas eram para ser aparadas pela instituição religiosa. Também há ensinamentos com relação aos bens. Aquele que confia nas riquezas dificilmente entrará no Reino de Deus. Para seguir a Jesus, é preciso distribuir seus bens. Nessas passagens percebe-se que a pobreza não é aceita pelo texto como situação normal.

Jesus inicia seu ministério com grandes demonstrações de poder e autoridade, mas no ápice das suas ações é colocar-se em posição de humilhação entregue. Essa atitude quebra as expectativas normais sobre os reis e o uso do poder, trazendo aos leitores questionamentos sobre o exercício do poder e estabelecendo um novo paradigma: o poder exercido em martírio pelo bem de outros. Seu ensino também tem o mesmo sentido, de que no Reino dos Céus, aquele que deseja ser o primeiro deve ser o último e servo de todos: os líderes da comunidade devem servir e não ser servidos.

Observa-se, então, que o Evangelho questiona e dessacraliza um tipo de estrutura sócio-político-econômica, o jeito romano de dominação, enquanto estabelece, através da sacralização, um novo padrão baseado na tradição popular campesina, em valores igualitários e de serviço estabelecido pelo seu personagem principal.

### **O Evangelho de Marcos como mantenedor de um ideário de comunidade.**

Zygmunt Bauman é conhecido por tratar de temas relacionados à pós-modernidade. No entanto, ao abordar o tema da comunidade, ele faz referências ao tipo de comunidade antiga e ideal, afirmando que ela não se encaixa mais na formação cultural pós-moderna que reforça o individualismo e a liberdade. Segundo Bauman, o tipo ideal de comunidade é caracterizado como

um lugar confortável e aconchegante onde se conta com a boa vontade dos outros e segurança, mas a comunidade real é baseada no consenso obtido entre disputas, negociações e compromissos. Para tal sonho se tornar realidade é necessária lealdade incondicional, o que implica em abrir mão da autonomia e liberdade (BAUMAN, 2003, p. 7-10). A comunidade antiga é caracterizada também por um entendimento compartilhado por todos os membros, esse entendimento é tácito, não-construído e precede acordos e desacordos, formando o ponto de partida da união. Tal comunidade não sobrevive se o entendimento se tornar autoconsciente. Ela é fiel à sua natureza quando se distingue de outros agrupamentos humanos, quando é pequena e autossuficiente, características que se unem na proteção da homogeneidade dos membros, o que implica que ela necessita de vigilância, reforço e defesa constantes (BAUMAN, 2003, p. 15-19).

Quando se fala de uma comunidade dos cristianismos originários é justamente dessa comunidade antiga próxima a esse ideal que se fala. Aquela que fornece um lugar seguro e aconchegante. No caso da comunidade marcana, a própria existência da comunidade era uma estratégia de sobrevivência e resistência. Todos os itens analisados anteriormente corroboram com a noção comunitária que o texto queria fortalecer.

A intenção dos evangelistas era guiar suas comunidades meio às crises, o meio que encontraram para fazer isso era indireto: contando uma história sobre Jesus. Assim, recorriam à suprema autoridade da cristandade para preencher um vazio de autoridade deixado pelos primeiros apóstolos. O(s) redator(res) de Marcos fez de uma história de origens um veículo de influência. O Evangelho é o texto religioso base para a formação de essa nova associação religiosa, melhor ainda, para a reestruturação de uma comunidade em situação de risco. É composto para reunir ao redor de da crença em Jesus um grupo comunitário cujos membros são judeus e pagãos. Percebe-se no decorrer da história, tanto claramente quanto simbolicamente, que existem dificuldades externas e internas a serem vencidas. Entre as dificuldades externas estão: os conflitos com outros religiosos cristãos, judeus e pagãos; a dominação, exploração e expolição romana; a violência da guerra. Entre os conflitos internos estão: a diversidade étnica e cultural dos membros, o partidatismo dos membros em relação às deferentes correntes cristãs, a desconfiança em relação ao pertencimento ou não à comunidade.

Portanto a comunidade era ameaçada nos três aspectos que garantiam a sua segurança na homogeneidade: na distinção, tamanho e autossuficiência. Na distinção e tamanho, porque a guerra levou à dispersão de outras comunidades cristãs como a de Jerusalém e conseqüente contato do cristianismo helenizado com o rural, aumentando a comunidade que continha agora pessoas das

diferentes correntes cristãs. Na autossuficiência, porque a situação de exploração romana e a guerra faziam o empobrecimento ser cada vez maior.

O Evangelho tenta redefinir as fronteiras da comunidade, em termos rituais e de pertencimento, e os valores de forma a gerar o entendimento tácito. Com isso tudo, salvar a noção comunitária que estava em uma situação de crise pelo viés da religião que a caracterizava através da criação do mito de origem. Jesus é o fundador desse grupo, tem uma autoridade sem precedentes na história narrada no Evangelho. É um líder que deixa para trás fronteiras rituais e étnicas, é o intérprete a nova Lei de Deus, dando continuidade à tradição judaica.

O texto estabelece uma clara distinção entre os membros da comunidade e aqueles que estão de fora<sup>9</sup>. Só aos membros é revelado o segredo do Reino, só os membros conseguem perceber o paradoxo do rei que é crucificado enquanto os romanos e judeus não conseguem entender isso.

A comunidade precisava também se distinguir da religião judaica em termos de atitudes em relação à observância do sábado, jejum, dieta, oração daí Jesus redefinir essas observâncias e valores. No entanto, ela aceitava pessoas de outra origem desde que não estivessem contra ela<sup>10</sup>.

Outro reforço ao valor da comunidade e da lealdade a ela é a família redefinida por Jesus<sup>11</sup>. Possivelmente por uma desconfiança extrema causada pela violência durante a guerra, a família agora era estendida: família era quem fazia a vontade de Deus, ou seja, era a comunidade cristã. Aquele que abandonava a sua família em prol do Reino era recompensado<sup>12</sup>. Percebe-se que a comunidade e a lealdade a ela eram valores muitos fortes. Completando esse quadro, pode-se citar também a valorização da cultura campesina e detrimento da cidade, pois o campo traz um ambiente mais propício à formação de uma comunidade fechada e com valores tão diferentes da cultura dominante, como forma de reforçar fronteiras.

## Conclusão

Fica claro então que o Evangelho de Marcos é uma expressão religiosa que se forma um mito de origens, ele é ao mesmo tempo definidor da sociedade e constituído por ela. Entre suas funções está a definição de valores, comportamentos, estrutura social, relações, ritos e o entendimento tácito

---

<sup>9</sup> Veja Mc 4, 11-12.

<sup>10</sup> Veja Mc 9, 38-40.

<sup>11</sup> Mc 3, 31-35.

<sup>12</sup> Mc 10, 28-30.

que em conjunto formam uma comunidade cristã mista que vive numa situação limite dentro do Império Romano.

### Referências Bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. Trad. José Carlos Barcelos. São Paulo: Paulinas, 1985.

BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1998.

CROATTO, José Severino. *As Linguagens da Experiência Religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. São Paulo: Paulinas, 2001.

ERICKSON, Victoria Lee. *Onde o silêncio fala: feminismo, teoria social e religião*. São Paulo: Paulinas, 1996.

MACK, Burton L. *A Myth of Innocence: Mark and Christian Origins*. Minneapolis: Fortress Press, 2008.

MALBON, Elizabeth Struders. *In the company of Jesus: characters in Mark's gospel*. Louisville: Westminster John Knox Press, 2000.

MALINA, Bruce J. *O Evangelho Social de Jesus: O reino de Deus em perspectiva mediterrânea*. Trad. Luiz Alexandre Solano Rossi. São Paulo: Paulus, 2004.

RICHTER REIMER, Ivoni. Patriarcado e economia política: O jeito romano de organizar a casa. In: RICHTER REIMER, Ivoni (org). *Economia no mundo bíblico: Enfoques sociais históricos e teológicos*. São Leopoldo: CEBI, Sinodal, 2006.

\_\_\_\_\_. *Compaixão, cruz e esperança: Teologia de Marcos*. São Paulo: Paulinas, 2012.

RHOADS, David; DEWEY, Joanna; MICHIE, Donald. *Mark as Story: an Introduction to the Narrative of a Gospel*. 2. ed. Minneapolis: Fortress Press, 1999.

SMITH, Abraham. Cultural Studies: Making Mark. In: *Mark & Method: New Approaches in Biblical Studies*. 2ed Org: Janice Capel Anderson & Stephen D. Moore. Minneapolis: Fortress Press, 2008.

THEISSEN, Gerd. *O novo testamento*. Trad. Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes, 2007.